

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE	CÓDIGO DA FICHA					
	PA	01	05	14	F11	01
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Quilombos de Oriximiná
LOCALIDADE	Território Quilombola Cachoeira Porteira
MUNICÍPIO / UF	Oriximiná/PA

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS*.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PA	01	05	14	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----



Canoas de indígenas atracadas no porto de Cachoeira Porteira, INRC-Quilombos de Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná-PA, 02/05/2013.



Rua principal de Cachoeira Porteira, INRC-Quilombos de Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná-PA, 02/05/2013.



Paiol de castanha em Cachoeira Porteira, INRC-Quilombos de Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná-PA, 02/05/2013.



Antiga delegacia de Cachoeira Porteira, INRC-Quilombos de Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná-PA, 02/05/2013.

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**.

SÍNTESE

De um modo geral o território quilombola Cachoeira Porteira, formado pela comunidade homônima, apresenta referências culturais comuns às demais áreas quilombolas de Oriximiná, principalmente no que tange aos ofícios, saberes e modos de fazer relacionados às formas tradicionais de ocupação da área em questão. Neste sentido, as principais referências culturais do território estão fortemente ligadas à história de resistência à escravidão e à conquista de domínio sobre as florestas e os rios na região do Alto Trombetas.

Mas, além das práticas produtivas, destacam-se também, neste aspecto, alguns lugares de fundamental importância na trajetória de ocupação negra na região. Nesses casos, trata-se principalmente de ambientes naturais (rios, cachoeiras, furos, igarapés) que são também marcos de valor histórico e identitário, na medida em que constituíram a condição mesma de sobrevivência e reprodução física das famílias quilombolas no território. No que

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE		PA	01	05	14	F11	01
------------------------------------	--	----	----	----	----	-----	----

tange a celebrações e formas de expressão, os moradores da localidade compartilham memórias e práticas contemporâneas similares às das comunidades vizinhas.

A seguir, serão apresentadas algumas das principais referências culturais apontadas pelos moradores de Cachoeira Porteira.

Lugares

Cachoeira Porteira

A própria cachoeira chamada Porteira tem um significado histórico todo especial, não só para os moradores desta localidade, mas para todas as comunidades remanescentes de quilombos localizadas no Rio Trombetas. Primeira cachoeira do rio, batizada pelo missionário franciscano, Mazzarino, de São Miguel Arcanjo, a Cachoeira Porteira foi a passagem de fuga da escravidão para a liberdade, o lugar que serviu de abrigo para os negros, no leito das águas, das pedras e da mata:

Justamente por isso, porque se tornou um portão, eles subiam no remo, e quem vinha atrás vinha na vela e jamais ia conseguir subir a cachoeira. E, como eles falam, lá do alto do Turuna a gente conseguia enxergar quem subia. Então, é a cachoeira que é a porteira, e taí a cachoeira batizada de Cachoeira Porteira! (Sebastiana, Cachoeira Porteira, 02.05.2013).

Foi acima da Cachoeira Porteira, com ajuda dos índios Kaxuyana, que se instalaram as primeiras famílias de negros fugidos no Rio Trombetas. Foi também na Cachoeira Porteira que na década de 1980, na época de organização do movimento quilombola de Oriximiná, os negros realizaram um manifesto contra o projeto de instalação de uma usina hidroelétrica no Alto Trombetas.

Cachoeira Cair dos Pretos

Cair dos Pretos é uma cachoeira que fica no Rio Cachorro, no Alto Trombetas. Ela foi um lugar de refúgio dos negros que fugiam da escravidão.

Cair dos Pretos, que na época que os pretos andavam de reboada com medo dos brancos, e aí eles saíram numa cachoeira por nome Camonani, de água baixa, baixando, né?! Então, os brancos, eles vinham até aqui. Daqui, eles iam pra cidade, rolava tudo por aí procurando os negros. Na época, eles tinham uma tal de candeia, eram os escravos, que eles faziam aqueles escravos porem aquele fogo na mão, breu quente. E era assim! Então, eles tinham medo dos brancos, eles andavam corridos (Raimundo Vieira da Costa, Cachoeira Porteira, 01.05.2013).

Ivanildo, morador da Cachoeira Porteira, alega que o nome da cachoeira “Cair dos Pretos” não reflete o fato histórico que teria marcado o lugar. Segundo ele, foram os brancos que caíram da cachoeira durante uma expedição de busca dos negros fugidos:

Tem o nome da cachoeira de Cair dos Pretos, mas na verdade não foi os pretos. Os pretos armaram pros portugueses pra cair lá, porque o cansaço já tava tão grande de correr, de fugir, aí eles armaram uma história que era pros brancos caírem lá. Diz a história que não escapou nenhum da queda d’água. Era alta e o bote não escapou nenhum, caiu lá e morreu todos, mas o nome tá Cachoeira do Cair dos Pretos. (Ivanildo, Cachoeira Porteira (02.05.2013).

Quilombo Campiche

O quilombo Campiche foi instalado no século XIX às margens do rio Turuna, no alto curso do Rio Trombetas. De acordo com Vicente Vieira dos Santos, morador da comunidade de Cachoeira Porteira e neto de uma das escravas refugiadas no Campiche, “eles foram se arribando, e eles iam num acampamento, no ponto onde se chama Campiche, chegaram nesse Campiche, entraram num rio que tem chamado Turuna”. Nesse refúgio os negros passaram a viver em paz, cultivavam a terra e sobreviviam dela: “naquele tempo lá, tudo dava dinheiro, era cipó, era tudo, peixe, até coisa de calango tiravam e vendiam, faziam as roças deles” – explica Seu Vicente.

Com a abolição da escravidão, os negros foram descendo o rio e transferindo suas moradias para localidades mais próximas das cidades onde realizavam comércio, sobretudo Óbidos e Oriximiná. O quilombo Campiche foi desativado, mas permanece vivo na memória de muitos quilombolas do Rio Trombetas, que são, em número considerável, descendentes das famílias que se aquilombaram lá.

Quilombo Maravilha

O Maravilha foi um dos primeiros quilombos formados pelos negros fugitivos no Alto Trombetas, acima da

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	05	14	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Cachoeira Porteira (partindo daí em um bote com motor 15, gastam-se dois dias para chegar até o local). Atualmente, o lugar não é mais habitado e restou-lhe apenas a capoeira que indica a ocupação pregressa.

Ofícios e modos de fazer

Ofício de castanheiro

Como se verifica na maioria dos territórios quilombolas de Oriximiná, a extração da castanha é um ofício tão antigo quanto atual exercido pelos negros remanescentes dos mocambos do Alto Trombetas. Do ponto de vista histórico, está claro que o desenvolvimento desse trabalho respondeu, em grande medida, pela própria presença e sobrevivência das comunidades quilombolas até o presente.

A coleta é sempre realizada no período de inverno, de janeiro e maio, e, por tradição, envolve toda a unidade doméstica na atividade, muito embora essa característica venha se alterando. No passado, normalmente, as famílias se deslocavam inteiras para os castanhais e neles se estabeleciam durante os meses de safra, em construções improvisadas com madeiras e palhas. Levavam pequenos animais de criação, caçavam e pescavam para sobreviver enquanto todos, até as crianças pequenas, se dedicavam à coleta dos ouriços caídos das castanheiras: “tinha vez que levava todo mundo, dez filhos, cinco filhos, ia todo mundo” (Waldemar Santos, Cachoeira Porteira, 03.05.2013). Hoje em dia, as crianças e as mulheres vão cada vez menos para os castanhais, pois, estando as primeiras em idade escolar, não podem perder as aulas, e as mães acabam ficando em casa para cuidar delas.

Antigamente, o percurso até os castanhais era feito de canoa a remo e, dependendo da distância da comunidade de que se partia, podia levar dias de viagem.

Na segunda metade do século XX, o sistema de patronagem e aviamento imperou na atividade de coleta de castanha, afetando os castanheiros de Cachoeira Porteira, assim como, das demais áreas quilombolas pesquisadas. Naquele período, florestas públicas foram apropriadas por supostos donos que obtiveram títulos de posse ou propriedade e passaram a exercer o papel de patrões dos extratores. Nesse sistema, os negros trabalhavam para os patrões que os aviavam, adiantando-lhes ferramentas de trabalho e mantimentos para permanência nos castanhais durante a safra. Ao final dela, os coletores entregavam aos patrões toda a produção em troca de preços estipulados pelos próprios patrões. Dos valores a serem pagos aos castanheiros, os patrões descontavam os preços das mercadorias adiantadas – cujos preços eram muito mais altos que os praticados no comércio normal. Como resultado da negociação, os coletores frequentemente não tinham nenhum saldo a receber, ficando obrigados a uma nova temporada de trabalho para quitar as dívidas com os patrões.

Na localidade de Cachoeira Porteira, existiam importantes casas de comércio mantidas pelos patrões, entre elas a Casa Porteira e a Casa Jacaré, que vendiam mercadorias a crédito para os negros e recebiam sua produção. Regatões – barcos de comércio que faziam o papel de mascates ou mercadores ambulantes pelos rios da Amazônia – também frequentavam a localidade, vendendo mercadorias aos negros e recolhendo sua produção de castanhas e de outros gêneros florestais.

O sistema de aviamento decaiu na localidade a partir da década de 1980, quando os remanescentes dos mocambos atingiram melhores formas de organização coletiva, fundaram associações quilombolas, formalizaram suas comunidades e passaram a exigir o respeito aos seus direitos territoriais e socioambientais. Os castanhais atualmente, são entendidos como áreas de uso coletivo, às quais todo quilombola tem direito de acesso. Mesmo assim, seu Miguel explica que “aqui cada pessoa tem um local fixo” e que na comunidade “tem uns pontos que têm um dono fixo e tem outros que ficam soltos”. Vale esclarecer que esses atuais “donos” dos castanhais são moradores antigos que, por respeito e consideração devotados pelos vizinhos, desfrutaram com mais privilégios de algumas áreas nas quais trabalham há muito tempo. De todo modo, eles não são considerados como proprietários dessas áreas e não proibem que outras as explorem para extração de castanha e demais produtos florestais (talas, cipós e frutos como o açaí, por exemplo).

Embora se vissem livres dos patrões nos anos 1980, os quilombolas passaram a enfrentar o fato de que muitas áreas ricas em castanha foram afetadas por projetos desenvolvimentistas ou abrangidas por Unidades de Conservação que se sobrepuseram ao território nesse mesmo período, conforme veremos adiante. A atividade tradicional de coleta passou a ser fiscalizada pelo ICM-Bio, que controla a entrada e a permanência de moradores nos castanhais da Rebio e obriga-os a uma série de cadastramentos e termos de compromisso, afetando diretamente a autonomia produtiva dos quilombolas.

Atualmente, entre os castanhais mais importantes para os moradores da localidade, “tem o da Serra, o

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	05	14	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

Chapéu. Tem aqui o Mungupau, tem vários castanhais aqui, aqui pro rio grande [Trombetas] tem o Caspacuro, tem o Pirarara. São vários castanhais” (Raimundo Vieira, Cachoeira Porteira 01.05.2013). Segundo Miguel Vieira, ainda “tem vários pontos. Tem um ponto lá, chamado Maranhão, e tem o Castanhalzinho. Tem o Apaga Luz, vai pro Sorriso. Tem lugar que a gente chama Lago, e tem o São Domingos que é o ultimo ponto” (Miguel Vieira, Cachoeira Porteira, 02.05.2013). Segundo dados locais, alguns castanhais explorados pelos moradores ficam fora da área de pretensão do território quilombola.

Ofício de pescador

A pesca é uma atividade tradicional e essencial para a subsistência dos quilombolas de Cachoeira Porteira, respondendo pela alimentação diária de muitas famílias. Homens, mulheres e crianças dedicam-se a essa atividade desde os primeiros anos de vida.

Pratica-se a pesca durante todo o ano nos rios Trombetas, Mapuera e Cachorro, assim como nos lagos e igarapés, principalmente na estação do verão. Os pescados mais frequentes são piau, sardinha, surubim, filhote, dourada, tambaqui e camunanim, entre outros.

A pesca destina-se exclusivamente ao autoconsumo, mas mesmo assim tem sido dificultada devido à intensa fiscalização feita pelo ICM-Bio dentro e nos arredores da Rebio Trombetas. Como relata seu Antônio, “na maior parte da comunidade é só pro consumo mesmo. O Ibama não deixa. Se você pega uma quantidade de peixe pra passar lá no posto, não passa” (Antônio Edmar, 02.05.2013).

Ofício de agricultor

A agricultura, apesar das restrições impostas pelas Unidades de Conservação que incidem sobre o território, ainda é um ofício importante para a sobrevivência dos habitantes de Cachoeira Porteira. Justamente por terem suas áreas de moradia sobrepostas pelas UCs, os moradores agora fazem os roçados longe de casa, ao contrário do que faziam no passado, quando os plantios ficavam no quintal, atrás de casa. Os moradores mostram-se incomodados com essa situação, como se expressa na fala de Seu Raimundo Vieira: “olha, de uns certos tempos pra cá que ele [o Ibama] vem querer atrapalhar. Não queria que a gente desmatasse aí pra fazer roça, mas a gente tem que fazer roça. Senão, como é que a gente vai ficar sem fazer roça?”

A prática da agricultura, como se depreende do desabafo de Seu Raimundo, é uma tradição local. Quando a atividade era mais intensa na localidade, toda a família ia para a roça. As crianças começavam a trabalhar com os pais na lavoura desde cedo, pois não tinham escolas para frequentar, e logo aprendiam o ofício. Todos os membros da família dividiam as tarefas entre si, conforme a idade e as habilidades de cada um:

la a família todinha pra roça. Cada um tinha um serviço. Eu era de ir jogando naqueles buracos que o pessoal fazia. A gente levava aqueles dois pauzinhos de maniva e eu ia só jogando. O papai era só de cavar, a mamãe era só de cortar, meus irmãos iam tapando. Enquanto uns iam jogando, outros iam tapando os buracos (Nelcilene Adão, Cachoeira Porteira, 01.05.2013).

Atualmente, o trabalho das crianças na lavoura decaiu consideravelmente. Por um lado, há o fato de as práticas agrícolas estarem mais restritas na localidade em função das Unidades de Conservação. Por outro, a vida escolar já ocupa a maioria das crianças da comunidade, impedindo que se dediquem aos trabalhos que seus ascendentes realizavam quando tinham sua idade.

Modo de fazer farinha

A farinha de mandioca é um produto que não pode faltar na mesa das famílias locais. Por este motivo, a produção de farinha é uma atividade de referência na localidade. Cinco casas de farinhas situadas na comunidade atendem às famílias produtoras em sistema de ajuda mútua e parceria – quem possui essa estrutura empresta-a para outros moradores produzirem sua farinha, e estes deixam em troca para o dono da casa uma parcela de sua produção.

O modo de fazer farinha envolve várias etapas de trabalho, que geralmente são realizadas em coletividade, desde o roçado até a casa de farinha. O plantio da mandioca é feito no verão – “planta em agosto, setembro, outubro, mas o roçado é feito entre junho e julho”, ensina William – e ao fim do ciclo dá-se início à produção de farinha. Em geral, cada membro do grupo realiza uma atividade, numa espécie de linha de produção, ao mesmo tempo em que conversam, contam histórias, ensinam e educam as crianças.

É feita assim: tira primeiro a quantidade pra colocar na água, depois tem um panelão ali que

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	05	14	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

nós botamos pra fazer beiju. Aí coloca pra amolecer a mandioca. Depois faz a mistura. A gente ceva ela, corta no motor, tira ela pra cevar. Ceva pra cortar e de lá tira, espreme o tucupi, tira a tapioca, depois ceva a mole. De lá mistura. No outro dia, pega o tipiti, enche, mistura e bota pra espremer, depois coa, e faz o fogo debaixo do forno. Aquece o forno e joga, começa a escaldar, até ficar soltinha, depois joga pra cima, pra pegar o vento. Assim que vai mexendo, vai espanando e vai secando. Depois que estiver mais torrada, a gente coa. (William, Cachoeira Porteira 03.05.2013).

Artesanato de talas, palhas e cipós

O artesanato que mais se destaca no território é o de talas, palhas e cipós, que é praticado por diversas pessoas na comunidade. Trata-se de um trabalho individual, normalmente, e voltado para atender a demandas dos próprios comunitários e dos vizinhos, que usam uma variedade de objetos trançados em suas atividades cotidianas. Paneiros, peneiras, abanos, jamanxins e cestaria em geral estão entre os produtos mais procurados, nessa linha dos utilitários. No entanto, alguns artesãos, visando turistas, pesquisadores, trabalhadores e visitantes que vez por outra aparecem na localidade, vêm se dedicando à produção de miniaturas para fins decorativos.

O trabalho do artesão começa com a retirada das matérias-primas da floresta, e, depois dessa etapa, é realizado quase que integralmente no espaço doméstico. Também é no ambiente de casa que os conhecimentos ligados ao ofício são transmitidos para as gerações mais novas. Normalmente, crianças e jovens observam e ajudam os artesãos adultos, e, assim, vão aprendendo o trabalho.

Ressalte-se que, apesar da expressividade do ofício na localidade, não existe em nenhum território uma organização que represente os artesãos.

Formas de expressão

Histórias de encantarias

Em Cachoeira Porteira há forte recorrência de narrativas sobre seres sobrenaturais como visagens, curupiras, botos, matintas-pereiras e outros encantados que habitam o território, preferencialmente em lugares mágicos que ficam no fundo das águas, nos igarapés, poços e rios, dentro das florestas, em pontas de pedra, debaixo da terra.

A narrativa mais comum na localidade é a do Pretinho do Porão, um personagem que, segundo moradores, aparece nas cachoeiras como se estivesse saltando em meio à queda d'água. Embora tome a forma humana em suas aparições, os moradores creem que ele é um encantado do fundo do rio que pode "judiar" (fazer mal) das pessoas. O presidente da comunidade afirma que vários moradores já viram esse tal Pretinho na Cachoeira Porteira, sendo que alguns acabaram adoecendo ou enlouquecendo após a aparição: "aquele local aonde o cidadão pretinho apareceu e judiou de um tio meu lá, ele brigou muito com ele, quando foi de manhã ele tava com muita febre, ele acabou morrendo. Meu tio morreu, o irmão da minha avó" (Ivanildo, Cachoeira Porteira, 02.05.2013). Na versão contada por Seu Antônio Edmar, também morador de Cachoeira Porteira, ele "era um moreninho. Um dia, esse cara deu um jeito de ficar bem no meio da queda, em pé. Quando a pessoa se aproximava dele, ele pulava. Então, eu fiquei naquela dúvida... isso aí não tem cabimento, pular daquela queda e sobreviver?" (Antônio Edmar, Cachoeira Porteira, 02.05.2013).

Outros relatos frequentes na localidade referem-se à aparição de certa loira misteriosa, a uma galinha que punha ovos de ouro e a tesouros enterrados, como neste caso contado por Seu Edmar:

Lá na beira do rio, tem um pé de manga. Também dizem que o pé de manga é mal assombrado, que lá aparecia uma visagem, mas meu filho desmanchou essa visagem. Ele achou três latas cheias de moeda. Sabe quanto deu essas moedas? Dez mil cruzeiros! Naquela época era muito dinheiro... Por exemplo, ali debaixo daquela mangueira, se eu enterrar um ouro em barra lá, enquanto eu for vivo não tem problema nenhum, mas quando eu morrer e não desenterrar ou não der pra ninguém, aquilo vai ficar fazendo misura (Antonio Edmar, Cachoeira Porteira, 02.05.2013).

Celebrações

Em Cachoeira Porteira registram-se festas religiosas, juninas e natalinas e comemorações de datas profanas como o Dia da Consciência Negra e o Dia das Mães – como, de praxe, ocorre nas diversas comunidades quilombolas de Oriximiná. No entanto, a festa que singulariza a localidade é a de Nossa Senhora de Fátima, a qual remonta à

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	05	14	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

história de ocupação da comunidade pela empresa Andrade Gutierrez. Isto porque o santo festejado pelos antigos moradores de Cachoeira Porteira era Santo Antônio, e os festejos de Nossa Senhora de Fátima só começaram depois que os operários da empresa Andrade Gutierrez fizeram a doação de uma imagem da virgem para a comunidade. “O pessoal lá da vila da Andrade Gutierrez, com a desativação da vila, doou as coisas pra cá pra comunidade, inclusive a santa. O pessoal que cuidava do Santo Antônio não tinha aquela condição de dar um lugar pra Santo Antônio, então ele ficou esquecido” – comenta a professora Sebastiana da Silva.

Os moradores explicam que acolheram Nossa Senhora de Fátima porque a empresa também doou o material para a construção da sua capela, recurso que até então eles não possuíam para fazer o mesmo para Santo Antônio. Sendo a capela uma construção importante “porque guarda e protege o santo”, eles não hesitaram em aceitar o presente, mas, pelo que a professora relata, não ficaram contentes por terem trocado de santo. Até hoje, conforme ela explica, muitos moradores não vão sequer à igreja de N. S. de Fátima durante os festejos:

Os negros festejavam Santo Antônio, desde essa época da escravidão. Nada contra Nossa Senhora de Fátima. Aí se pergunta: Por que eles não vão na igreja? Os negros dificilmente eles vão. Mas, a resposta está aí. Eles são um tipo de pessoa que eles nunca colocam pra fora o que eles estão pensando, você extrai dele aquilo que ele está pensando. Um dia, eu conversando com eles eu perguntei qual era o santo deles. Professora, o nosso santo era o Santo Antônio, era o santo dos nossos avós, santo dos nossos pais (Sebastiana da Silva, Cachoeira Porteira, 02.05.2013).

A celebração é realizada no dia 13 de maio e todos os anos escolhem-se grupos para os quais são distribuídas tarefas como: bar, cozinha, liturgia e coordenação. A festa tem duração de uma semana durante a qual os comunitários realizam peregrinação diária nas casas e oferecem orações (ladainhas) à santa. Todas as noites, os devotos celebram cultos. Cada noite um grupo fica responsável pelo culto, seja o grupo da escola, dos castanheiros, dos jovens.

A festa de Nossa Senhora de Fátima é assim: A gente faz tipo um arraial a semana todinha, porque a data é dia 13 de maio a data dela, aí a gente pega uma data que o 13 encaixe dentro, a gente passa uma semana direto fazendo ladainha e visitando as casas. A noite faz as procissões, aí no último dia, num final de semana, a gente faz uma festa social (Nilcilena Cunha, Cachoeira Porteira, 02.05.2013).

No último dia da celebração é feita uma procissão que se encerra com o culto na igreja. Em seguida, os comunitários realizam a festa “social” na qual são apresentadas danças “culturais”, como o maculelê, geralmente, organizadas pela escola.

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	05	14	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

4.1. POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

Localização e acesso

O Território Alto Trombetas fica no Município de Oriximiná, que integra a Microrregião de Óbidos e a Mesorregião do Baixo Amazonas, na Região Oeste do Pará.

A área reivindicada pelos quilombolas de Cachoeira Porteira corresponde a 228.552 hectares que compreendem à sede da comunidade homônima (a única que integra o território), castanhais, áreas de caça e pesca, áreas de roçados, sítios históricos e arqueológicos (antigos mocambos, varadouros, cemitérios, praias de veraneio e antigas capoeiras), além de acidentes geográficos como cachoeiras, furos, igarapés e lagos que foram importantes na trajetória de ocupação negra da região no século XIX.

Os limites do território são objeto de disputa com povos indígenas estabelecidos nas Terras Indígenas Trombetas-Mapuera (3.970.898 ha) e Nhamundá-Mapuera (1.049.520 ha). Embora acordos tenham sido feitos negociados e implementados nos últimos anos, com mediação de ONGs, órgãos de governo e o Ministério Público, há divergências entre remanescentes de quilombos, Wai-Wai, Kaxuyana e outros sobre os limites das terras de índios e quilombolas. Os limites definidos e pleiteado por estes últimos em processo de regularização fundiária são: o Rio Trombetas, abaixo do igarapé Caxipacoré; o Rio Cachorro, abaixo da Cachoeira do Espinho; o Rio Mapuera, onde, nos últimos dez anos, foram estabelecidas três aldeias por indígenas vindos das TIs acima referidas.

Além da sobreposição com as terras reivindicadas e ocupadas pelos índios, Cachoeira Porteira tem o território cortado por três Unidades de Conservação, sendo duas estaduais – ao norte, a Floresta Estadual do Trombetas, e ao sul Floresta Estadual de Faro – e uma federal – a Reserva Biológica do Trombetas.

O acesso à comunidade de Cachoeira Porteira, partindo da cidade de Oriximiná, é feito por via fluvial. Dependendo da embarcação utilizada, a viagem leva de 12 horas a 15 horas. Uma vez por mês o barco Silva Moda II faz essa viagem, por aproximadamente 25 reais a passagem. O barco Fruto da Fé, pertencente à congregação evangélica instalada na comunidade, também fazia a linha Cachoeira Porteira-Oriximiná-Cachoeira Porteira com alguma regularidade, à época da realização da pesquisa de campo. Essas embarcações também são utilizadas frequentemente pelos indígenas que vivem nas aldeias acima de Cachoeira Porteira.

População

Aproximadamente 93 famílias vivem em Cachoeira Porteira atualmente. A distribuição populacional por gênero é equilibrada, registrando-se um número um pouco maior de homens (55%) que de mulheres. Os moradores distribuem-se em todas as faixas etárias de 0 a mais de 70 anos, havendo maior concentração de crianças, adolescentes e adultos jovens (até os 20 anos de idade, em média) na comunidade, observando-se uma queda nas faixas etárias mais altas. Um dos motivos para essa queda é o êxodo de indivíduos para a cidade de Oriximiná a fim de completar os estudos, já que a escola local só tem turmas até o nível fundamental. A busca de trabalho e emprego em zonas urbanas também é um fator determinante do êxodo de jovens adultos da comunidade.

Com relação à origem da população de Cachoeira Porteira, grande parte dos habitantes provém de famílias de escravos fugidos que, no século XIX, se estabeleceram em mocambos fundados nas áreas encachoeiradas do Rio Trombetas, que ficam acima da comunidade, como foi o caso dos quilombos Maravilha e o Campiche, já desativados. Casamentos com remanescentes de outros mocambos do Rio Trombetas também responderam grandemente pela formação da população local. Dois troncos familiares – os Vieira e os Adão – se sobressaem na localidade.

Por outro lado, trocas matrimoniais com os indígenas Kaxuyana, que foram especialmente importantes no período inicial de ocupação negra na região, permaneceram frequentes ao longo do século XX e deram origem a um número expressivo de famílias. Mais recentemente, as relações também se estreitaram entre os remanescentes de quilombos e os Wai Wai, de modo que são numerosas na localidade as famílias de dupla ascendência – indígena e quilombola.

Por fim, a comunidade abrange moradores originários de várias partes do Pará e de outros estados, sobretudo do Nordeste, que se deslocaram para Cachoeira Porteira para trabalhar como operários em grandes projetos que se iniciaram nas décadas de 1970 e 1980. Após o encerramento das atividades das empreiteiras na localidade, vários desses funcionários haviam contraído matrimônio e tido filhos como mulheres da comunidade. Muitos migrantes, portanto, permanecem na área até hoje, vivendo junto aos quilombolas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	05	14	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Infraestrutura

A comunidade conta com pequena infraestrutura mantida pelo município de Oriximiná, que inclui transporte fluvial gratuito uma vez por mês e uma casa de força com motor gerador de energia (que é ligado por quatro horas, toda noite, com combustível fornecido pela Prefeitura).

A localidade conta com uma pista de pouso aberta na época das obras da Andrade Gutierrez – atualmente usada pela Funai – e com um caminhão para transporte de cargas e produtos florestais.

A água para consumo vem diretamente do Rio Trombetas, sem tratamento, e é encanada através de um sistema por declive, que abastece precariamente as residências. Em períodos de seca, utiliza-se uma bomba para puxar água do rio.

Não há saneamento básico e os sanitários possuem buracos cavados no chão.

A comunicação com o exterior é feita através de alguns telefones fixos. Os telefones públicos (orelhões) não recebem a devida manutenção e raramente funcionam.

No que tange aos prédios públicos, existem: um barracão comunitário construído em madeira, que está bastante danificado e em precárias condições de uso, a sede da AMOCREQ, uma delegacia desativada, o posto médico (inativo), uma escola e quatro igrejas (uma católica e três evangélicas).

Existem algumas mercearias, bares e pequenas vendas na comunidade. Há ainda um paiol para armazenamento e comércio de castanha e outros produtos florestais coletados por quilombolas e indígenas.

Educação

A comunidade é atendida pela escola municipal Constantina Teodoro, que mantém turmas de educação infantil, ensino fundamental (de 1ª a 4ª séries) e EJA (Educação de Jovens e Adultos). Para as crianças fazerem os estudos em séries mais avançadas é preciso se deslocar para outras localidades.

Na época da pesquisa de campo, havia quase 200 alunos matriculados na escola e nove professores, além da diretora e auxiliares de serviços gerais.

Saúde

A Prefeitura Municipal de Oriximiná mantém em Cachoeira Porteira um agente de saúde e uma técnica em análise de casos de malária e leishmaniose. O Posto de Saúde da localidade deveria funcionar regularmente, mas o prédio que a ele se destina tem estrutura precária e carece de reformas. Assim, o agente comunitário de saúde assiste os moradores em sua própria casa.

O fato de poder realizar testes laboratoriais para a detecção de casos de malária – graças ao empenho da Associação dos Moradores da Comunidade Remanescente de Quilombos de Cachoeira Porteira, que conseguiu adquirir o equipamento para essa finalidade – atrai moradores de outras localidades, inclusive indígenas, que ali vêm se examinar.

O hospital mais próximo é o da cidade de Porto Trombetas, administrado pela MRN e destinado a atender os funcionários da empresa e seus dependentes. Esse hospital atende aos quilombolas em casos de emergência, mas, após os primeiros socorros, encaminha os doentes para atendimento em Oriximiná via o Sistema Único de Saúde (SUS) do Governo Federal.

Em casos de mal estar e doenças tidas como comuns (febre, diarreia, gripe, dores no corpo), primeiramente, recorre-se a cuidados tradicionais com ervas e cascas extraídas do mato ou do quintal de casa, conforme os conhecimentos tradicionais da população local. Ritos de benzeção e puxação também são praticados para tratar de males físicos e espirituais. O senhor Waldemar dos Santos é um benzedor reconhecido na comunidade, que trata os doentes por meio de orações.

Organização social e política

Os moradores do território são representados pela Associação dos Moradores da Comunidade Remanescente de Quilombos de Cachoeira Porteira (AMOCREQ), a única organização quilombola do município que não é vinculada à Associação dos Remanescentes de Quilombos de Oriximiná (ARQMO).

No que tange às formas de organização na esfera do trabalho, os moradores decidem individualmente pela participação ou não em associações e sindicatos. Além disso, organizam-se em grupos familiares e informais de natureza cultural ou religiosa (católicos e evangélicos).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	05	14	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

Características gerais

O Rio Trombetas é a maior referência histórica e cultural do território de Cachoeira Porteira. A ele se juntam os afluentes Mapuera e Cachorro, compondo a paisagem local. Localizados no Escudo Cristalino, estes são rios de fortes corredeiras e cachoeiras que se amainam na altura da comunidade de Cachoeira Porteira, que é assentada num terreno de bacia sedimentar.

Os solos predominantes são os podzólicos vermelho-amarelo, ácidos e de baixa fertilidade, mas ocorre uma variação significativa de tipos de solos no território. Em algumas áreas, encontram-se solos lateríticos (pedregosos); em outras há solos arenosos; em outras, ainda, há solos com grande teor de argila.

O território é dotado de uma grande diversidade de espécies vegetais características das florestas de terra firme e de várzeas. Há significativa ocorrência de castanheiras, cedros, piquazeiros, jutaízeiros, louros, ipês, itaúbas, maçarandubas, cumaru, sucupira, aroeira, breus e outras árvores importantes para usos madeireiros e não madeireiros. Também se registram inúmeras palmeiras úteis como mumbuca, patauá, tucumã, miriti, açai, bacaba, murumuru, mucajá e ubim.

Exploração de recursos ambientais

Como nas demais áreas quilombolas pesquisadas, a comunidade de Cachoeira Porteira desenvolve formas tradicionais de uso dos diversos recursos naturais provenientes das florestas: madeiras, frutos, óleos, resinas e breu. São formas características da economia extrativa que se implantou na região desde o tempo da ocupação dos primeiros mocambos do alto curso do Rio Trombetas, aliadas à prática da agricultura familiar.

A agricultura de subsistência é praticada numa porção de floresta secundária situada na área que anteriormente foi ocupada e devastada pela companhia Andrade Gutierrez. O sistema de plantio envolve abertura de roçado e queima para plantio da mandioca, que é a principal espécie cultivada. Outras espécies como milho, arroz e feijão, raramente são plantadas. A mandioca se destina à produção de farinha e derivados (tapioca e beijus, por exemplo) para autoconsumo das famílias. A agricultura comercial em pequena escala é realizada por poucos moradores e normalmente se caracteriza pela venda de excedentes não consumidos na unidade doméstica.

Pequenas criações de gado, porcos e galinhas são registradas em algumas casas e prestam-se para a subsistência das famílias.

A caça e a pesca são os principais componentes da dieta local. Anta, paca, cotia, macaco, mutum, queixada, porco do mato e veado são as espécies mais visadas para a alimentação. Dentre os peixes, trairão, pescada, cujuba, tucunaré, pacu, acari, camunani, pirarucu, filhote, piranha, aracu, peixe cachorro, curimatã e jaú são os tipos mais encontrados.

Conflitos ambientais

A comunidade de Cachoeira Porteira enfrenta problemas ambientais decorrentes tanto das formas de preservação praticadas pelos governos federal e estadual nas três Unidades de Conservação incidentes no território, quanto das grandes intervenções projetadas pelo Estado e por empresas privadas nas áreas de infraestrutura, energia e mineração.

Por um lado, nas áreas delimitadas pelas UCs – a Rebio Trombetas e as Flotas de Faro e Trombetas – os moradores experimentam dificuldades relacionadas às restrições de terras utilizáveis e de acesso/uso de recursos naturais que fazem parte da economia quilombola tradicional. Apesar de viverem numa região extremamente rica e diversa do ponto de vista biológico, a comunidade se sente “espremida” pelas UCs que a circundam e sobrepõem. O presidente da associação local, Ivanildo Souza, resume a sensação geral: “É Flota Trombetas, do outro lado ali do rio é Flota Faro, o lado da minha casa aqui já é reserva biológica. A gente já ficou aqui no limite!” A legislação que rege a Reserva Biológica do Trombetas é particularmente restritiva, posto que é incompatível com a presença e a exploração humana, significando proibições de plantio de roça, caça, pesca e até de banho para os moradores.

Os moradores ressentem-se ainda mais dos processos de criação das UCs porque não se sentiram contemplados nas discussões que as antecederam. O Estado e a União desconhecaram sua presença na localidade e seus direitos sociais. Ademais, a implantação da Rebio foi especialmente agressiva, implicando deslocamentos forçados de famílias inteiras de suas residências e atos de violência e abuso de poder por parte de funcionários dos órgãos ambientais.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	05	14	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Por outro lado, a implantação de grandes projetos de infraestrutura, energia e mineração vem afligindo a comunidade de Cachoeira Porteira desde a década de 1970.

A primeira empresa a se instalar na localidade foi a Andrade Gutierrez, em 1973. Logo iniciou obras de expansão da Rodovia BR 163 (Cuiabá-Santarém) até a altura da comunidade, com o intuito de favorecer os empreendimentos minerários e energéticos que estavam previstos para a região. Com cerca de 200km abertos, a estrada não chegou a ser completada, mas provocou severas alterações na paisagem local. Fazendo divisa entre a Flota Trombetas e a Reserva Biológica, ela aterrou áreas, suprimiu vegetação e causou danos à biodiversidade, além de alimentar problemas sociais antes desconhecidos da comunidade, em função da chegada de grande número de migrantes para trabalhar na empresa. Após o abandono do projeto, a estrada não recebeu mais nenhum investimento. Hoje, caracteriza-se como uma grande rua que é ocupada em ambas os lados pelas residências dos quilombolas.

Nos anos 1980, a Eletronorte deu início a implantação de obras e operários na localidade. Por intermédio da empresa contratada, EngeRio, iniciou prospecções e sondagens na Cachoeira do Viramundo com o intuito de construir uma barragem para a usina hidrelétrica de Cachoeira Porteira. O projeto atraiu inúmeros trabalhadores de fora da região, que foram alojados na comunidade, alguns dos quais aí permanecem até hoje. O projeto também atraiu a reação dos quilombolas, que se organizaram e lutaram contra a abertura da UHE Cachoeira Porteira, empreendimento que afetaria todas as comunidades do Rio Trombetas. As pesquisas para a construção da barragem foram interrompidas, mas deixaram danos graves ao meio ambiente: além da supressão vegetal, buracos profundos foram abertos no meio da floresta e se tornaram grandes armadilhas, ocasionando a morte de inúmeros animais silvestres.

Grandes áreas de floresta, estimadas em cerca de 30 km², também foram desmatadas para o fornecimento de lenha para a produção de energia e de madeira para a produção de carvão vegetal à empresa Mineração Rio do Norte, a fim de alimentar seus fornos de secagem de bauxita. Uma antiga moradora, Ivone Pereira, conta que “tiravam madeira, trabalhavam aí, não sei dizer em nem em quê trabalhavam, eu sei, madeira tiravam. Tinha uma balança grande ali, tinha uma carregadeira grande que carregava madeira”.

Embora os grandes empreendimentos tenham sido interrompidos na localidade, há permanente temor fundamentado de que eles sejam retomados a qualquer momento. Empresas continuam rondando a comunidade e, vez por outra, iniciam pesquisas em seu território. Há relatos de que, há aproximadamente três anos, a Companhia Vale do Rio Doce enviou uma equipe para reunir com os moradores e explicar-lhes seus planos de ação previstos para a Flota do Trombetas. Segundo a professora Sebastiana, diretora da escola local, “a Vale do Rio Doce, eles vieram até aqui bonitinho, reuniram o povo, porque faz parte do trabalho deles. Observa bem. Eles não iam trabalhar dentro das terras da comunidade, eles deram uma satisfação apenas. Eles vão trabalhar dentro da Flota”. Assim mesmo, a professora relembra os investimentos fracassados na comunidade e desconfia que o novo empreendimento será “igual aos outros”, na medida em que priorizará mão-de-obra de fora da comunidade e deixar impactos negativos para os moradores:

Imagina! O projeto deles é audacioso, é minério. Olhe lá se alguém daqui, que não tiver formação, se vai pegar algum emprego! Porque pra trabalhar pra uma empresa dessa, até na cozinha tu tem que ter curso, porque vem pessoas de todos os lugares do mundo. Se você não tiver uma formação, você não vai pegar um emprego. O que ele propõe são aquelas ofertas... que eles pretendem. Por enquanto é fazer uma pesquisa que vai durar três anos. Provavelmente, eles criem um escritório aqui, por enquanto. Se precisar de mão de obra, lógico que é pra roçar. Vão ser trabalhos assim. Na época da empresa da Eletronorte também foi assim. (Sebastiana, Cachoeira Porteira, 02.05.2013).

Por fim, vale enfatizar as divergências entre quilombolas e indígenas no que diz respeito a seus direitos territoriais. Há sobreposições entre o território pleiteado pelos quilombolas e terras reivindicadas por índios. Essas divergências vêm sendo tratadas em uma série de negociações mediadas por órgãos do Estado e por organizações não governamentais. Um acordo para pôr fim às disputas relativas ao território começou a ser constituído em 2013 durante uma reunião apoiada pela CPI-SP e o Ministério Público Federal. A expectativa dos moradores de Cachoeira Porteira é de que o acordo seja favorável a quilombolas e indígenas, e que ponha fim aos conflitos que vivenciaram nos últimos anos.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	05	14	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Com efeito, apesar das divergências quanto ao território, a relação entre os grupos é amigável e inclui laços de parentesco e solidariedade constituídos há bastante tempo. Os indígenas frequentam a comunidade, sobretudo quando estão em deslocamentos entre as aldeias e Oriximiná, já que a Cachoeira Porteira é o limite navegável em embarcações maiores. Assim, quando os indígenas descem das aldeias para a cidade, é aí que atracam suas canoas e guardam seus motores, a fim de tomarem o barco de linha para Oriximiná. Muitas vezes, aproveitam para fazer alguma compra nos mercadinhos da comunidade. Quando sobem o rio de volta para casa, param novamente na Cachoeira Porteira, onde deixam o barco de linha e retomam suas canoas.

4.3. MARCOS EDIFICADOS

No conjunto de territórios quilombolas pesquisados neste INRC, Cachoeira Porteira apresenta singularidades interessantes no que se refere a este item. Como a localidade recebeu grandes projetos de infraestrutura, energia e mineração a partir da década de 1970, um número considerável de edificações foi erigido no local.

O primeiro marco a se destacar é a estrada BR 163 (ligando à Perimetral Norte), que a empresa Andrade Gutierrez começou a construir em 1973, na condição de contratada pelo antigo Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (DNER), atual Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT). A abertura da estrada envolveu serviços de aterro e terraplanagem e produziu severas modificações no território de Cachoeira Porteira, até ser abandonada inacabada. Atualmente, recoberta por um extenso aterro de piçarra, essa via concentra as moradias e os prédios públicos da comunidade, que se estendem ao longo de três quilômetros da beira do Rio Trombetas até o ramal que dá acesso a uma pista de pouso que também foi construída pela Andrade Gutierrez. Após esse ramal, ainda se encontram três residências. Como a estrada não passa por serviços de manutenção há pelo menos 20 anos, há vários trechos que formam lamaçais durante as chuvas.

A Andrade Gutierrez também abriu na localidade uma vila de casas relativamente afastada do chamado “beiradão”, que era ocupado pelos remanescentes dos mocambos. Essa vila era provida por escola, delegacia, hospital, supermercado e outras edificações voltadas para a oferta de serviços e produtos a seus funcionários. Depois de a empresa se retirar do local, em 1989, algumas dessas construções foram reconvertidas para novos fins determinados pelos quilombolas. Muitos materiais nelas utilizados foram reaproveitados em novas edificações, desta vez nas áreas de moradia dos remanescentes de quilombos.

Algumas casas, portanto, ainda preservam estruturas e acabamentos herdados da vila da Andrade Gutierrez. A maioria delas é feita em madeira, inclusive os pisos e assoalhos, embora algumas possuam piso de chão batido ou misto de cimento e madeira, sendo poucas as que os têm inteiramente cobertos por cimento ou lajotas e várias as que têm assoalhos assentados sobre palafitas. São poucas as moradias construídas em alvenaria. A maioria tem apenas um pavimento. Como cobertura usam-se telhas de amianto e do tipo Brasilit.

Cinco residências possuem casa de farinha construída nos mesmos moldes que se encontram nas demais comunidades quilombolas de Oriximiná: estruturas simples de madeira, cobertas com palhas, dotadas de equipamentos rústicos feitos artesanalmente para a produção de farinha de mandioca.

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

5.1. RESUMO

Porteira é um marco da resistência, um divisor de dois tempos: o tempo das águas bravas, dos mocambos, e o tempo das águas mansas, o das comunidades remanescentes. Tempos que se juntam nas histórias de lutas e de liberdade. Cachoeira Porteira um lugar de memórias daqueles que buscaram a liberdade – os negros do Trombetas (FUNES, 2004, p. 27).

A formação histórica da comunidade de Cachoeira Porteira deve-se aos africanos que fugiram da escravidão das fazendas de cacau e gado situadas na região oeste do Pará (especialmente nos municípios de Santarém e Óbidos, que eram os principais centros da economia regional) e nos arredores de Belém, e que se refugiaram nas matas do alto curso do Rio Trombetas durante o século XIX. Moradores da localidade, como Seu Vicente, ainda chegaram a ouvir muitas narrativas sobre as fugas de negros escravizados na região: “tem muitas histórias. Quando eles vieram corridos, Oriximiná ainda não existia. Meu avô ele, não era filho daqui, ele era da África. Veio pra cá corrido dos brancos!”

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	05	14	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Batizada originalmente como São Miguel Arcanjo pelo missionário franciscano Mazzarino, a primeira cachoeira do Rio Trombetas tornou-se mais conhecida pelo nome de Porteira justamente por ter servido aos negros que buscavam abrigo a montante como um local de passagem para a liberdade. Como os brancos, segundo se conta, não sabiam navegar nas áreas encachoeiradas do rio, os negros que conseguiram ultrapassar a Cachoeira Porteira foram bem sucedidos nas fugas e estabeleceram seus mocambos com relativa segurança, livres das expedições de recaptura que eram empreendidas com frequência pelos senhores de escravos. “Justamente por isso, porque se tornou um portão, daí a cachoeira batizada de Cachoeira Porteira” – explica a professora Sebastiana, moradora da localidade. Segundo ela, os escravos fugidos “subiam no remo, e quem vinha atrás vinha na vela e jamais ia conseguir subir a cachoeira. E o que eles falam é que lá do alto do Turuna a gente conseguia enxergar quem subia”.

Para alcançar essa posição privilegiada no rio, os negros teriam contado com a ajuda dos indígenas Kaxuyanas, que os ensinaram a transpassar as cachoeiras e os cursos d’água mais estreitos até chegarem a locais propícios para a instalação dos mocambos. Seu Vicente conta que foi graças aos índios que os negros conseguiram se estabelecer:

Vieram de canoa. Naquele tempo a canoa deles não era parecida com as nossas, era tudo de atravessado. Como não existia prego, o que eles usavam era cipó. Foi desse jeito que eles começaram. Furavam e amarravam pra todo dia atravessar. Eles vinham subindo aqui, tudo a remo... Na saída do cemitério eles foram se arribando. E eles iam num acampamento, num ponto que se chama Campiche. Chegaram nesse Campiche, entraram num rio que tem chamado Turuna. Lá eles entraram e depois vieram saindo. Eles já estavam acompanhados dos índios. (Vicente, Cachoeira Porteira, 03.05.2013).

Historiadores confirmam que os contatos entre os índios e os mocambeiros recém-chegados ao alto Rio Trombetas foram significativos. Apesar de conflitos terem sido registrados por cronistas como Derby e Coudreau, uma rede de solidariedade e troca de bens (produtos agrícolas e florestais, principalmente) se estabeleceu entre eles, que tinham no branco um inimigo maior interessado na sua escravização e subjugação. Nesse contexto, foram numerosos os casamentos interétnicos, conforme explica Ivanildo de Souza: “pra onde os negros se refugiavam, eles tiveram casamentos com as índias ou vice-versa, os índios também, com a família Vieira feminina. Assim, foi aumentando a família Vieira e Kaxuyana”. O intercâmbio intenso entre indígenas e negros resultou na transmissão de técnicas e modos de fazer relacionados ao manejo dos recursos naturais, que eram bem conhecidos e explorados pelos primeiros. Assim, os mocambeiros tiveram sucesso na ocupação da região.

Essa ocupação começou pelas localidades conhecidas como Varadouro e Campiche, onde se originaram as famílias que mais tarde povoaram a comunidade de Cachoeira Porteira. O Varadouro, segundo o presidente da comunidade, é “uma parte onde os negros conseguiram escapar pelo local que tinha uma queda d’água muito alta”. Lá, segundo a quilombola Nelcilene Adão, foi “onde nasceu a negrada, no Varadouro. É mais acima um pouquinho, onde os negros se escondiam. Tinha tipo um paiol onde eles ficavam, eles se refugiavam”.

Os mocambeiros praticavam formas econômicas baseadas no extrativismo e na agricultura de subsistência, alcançando uma autonomia produtiva que lhes permitia sobreviver isolados dos núcleos de povoamento brancos. Esse isolamento, contudo, era relativo. Com efeito, os mocambeiros contavam com algumas redes de apoio nas principais cidades da região, onde tinham parceiros comerciais de confiança que lhes compravam a produção agrícola e extrativista. Desse modo, realizavam contatos clandestinos mais ou menos frequentes com brancos interessados em lhes comprar castanhas, breu, óleos vegetais e outros produtos dos mocambos em troca de mercadorias que os negros não produziam, como o sal, por exemplo. Seu Vicente conta que para realizar as trocas comerciais com os brancos, os mocambeiros arriscavam-se em longas viagens nas noites escuras, sempre evitando chamar a atenção de possíveis captores a mando dos senhores de escravos: “deixavam anoitecer, eles só andavam de noite. Embarcavam na canoinha e seguiam. Quando o dia vinha clareando, eles pegavam, iam logo, passavam o dia lá. Quando a noite chegava, eles saíam, iam embora. Só podiam andar de noite porque de dia queriam pegar eles”.

Com a Lei Áurea e abolição da escravatura, em 1888, as perseguições foram relaxadas e aos poucos os negros puderam formular novas estratégias de sobrevivência. Do alto das cachoeiras foram migrando para áreas mais baixas do Rio Trombetas – as águas mansas, como chamam – e reconstituíram aí seus povoados, intensificando-se os contatos com os núcleos de povoamento e comércio dominados pelos brancos. Esse movimento, conhecido como descenso, foi responsável pela dispersão da ocupação negra no Rio Trombetas e pela criação das atuais comunidades remanescentes de quilombos de Oriximiná.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE		PA	01	05	14	F11	01
------------------------------------	--	----	----	----	----	-----	----

A formação da atual comunidade de Cachoeira Porteira, portanto, está relacionada a esse movimento de descenso que se intensificou nas primeiras décadas do século XX. Famílias originárias do Campiche e de outras povoações situadas acima da cachoeira migraram para a atual área da comunidade e aí a população se multiplicou.

A vida local foi marcada pelas atividades que os negros já praticavam nos quilombos de rio acima – extrativismo de produtos florestais, pesca, caça, agricultura de subsistência, produção de farinha de mandioca e pequenas criações – pelo menos até a década de 1970, quando a comunidade foi abalada por investimentos estatais e privados que visavam à implantação de grandes projetos de infraestrutura, energia e mineração nas áreas de moradia e uso dos remanescentes de quilombos.

Em 1979, a empresa Andrade Gutierrez instalou-se na comunidade a fim de realizar obras de expansão da rodovia BR 163 (Cuiabá/Santarém) – que atenderia à futura implantação de uma usina hidrelétrica da Eletronorte na localidade –, além de serviços de extração de lenha e carvão vegetal para fornecimento à Mineração Rio do Norte – empresa que, nessa mesma época, se instalou na cidade de Porto Trombetas, rio abaixo.

Para abrigar os inúmeros operários que vieram de vários estados para trabalhar nas obras de Cachoeira Porteira, a empresa construiu uma vila dotada de delegacia, escola, supermercado e hospital. Dona Ivone lembra que era um lugar “muito bonito lá, tinha igreja, tinha clube, tinha piscina, hospital, mercado, as casas das famílias”. Mas, para erigir todas essas edificações, a empresa destruiu roças e deslocou famílias inteiras em troca de parcas indenizações, gerando conflitos relacionados à profunda divisão e desigualdade que se estabeleceu entre seus empregados e os remanescentes dos mocambos. Estes últimos, além de terem seus meios de sustento impactados pelo empreendimento, continuaram morando em casebres de madeira e palhas e carecendo de serviços básicos de educação e saúde, que eram oferecidos aos forasteiros na Vila da Andrade Gutierrez: “aqui fora, eles criaram um posto que era pra atender esse povo, só ia pra lá aqueles que realmente não tinha jeito” – explica uma moradora em relação à diferença de acesso a tratamentos de saúde no lugar. Ademais, os remanescentes dos mocambos não conseguiam empregos na empresa porque não tinham qualificação. Quando muito, eram arrolados como mateiros, roçadores, pescadores, cozinheiros, diaristas e babás. Como diz Ivone, “às vezes pegava trabalho nas casas de família, trabalhava. Lavava roupa, limpava a casa. Dava pra quebrar o galho. Eles pagavam conforme o trabalho. Tudo, limpar casa, passar pano, encerar, lavar louça”.

A chegada maciça de migrantes deu à comunidade uma nova dinâmica populacional, graças a frequentes intercursos sexuais entre migrantes e mulheres da localidade, dos quais resultaram novas famílias e muitos filhos de mães solteiras. A dinâmica cultural também se alterou na época das obras da Andrade Gutierrez. Segundo Seu Valdemar, o movimento na comunidade era muito intenso, “era festa assim, de bar, essas coisas. Aqui debaixo tinha mais de trinta bregas. Isso aí era um movimento doido. Um movimento grande mesmo!”

Os investimentos da Andrade Gutierrez em Cachoeira Porteira se encerraram no final dos anos 1980. No lugar onde fora construída sua vila ficou apenas um vazio, com poucas casas ocupadas por trabalhadores que resolveram ficar e fixar moradia na comunidade. Tudo que lá existia foi destruído e muito pouco pôde ser reaproveitado pelos moradores nativos. “Eu fico triste. Por que eles não deixaram? Por que não fizeram uma doação pra comunidade? A escola, nossa, tinha tudo!” – reclama Sebastiana, atual diretora da escola local. Ainda assim, ela reconhece que a criação da primeira escola de Cachoeira Porteira, chamada Santa Luzia, teve influência da empresa Andrade Gutierrez: Segundo ela, o engenheiro Paulo foi quem tomou a iniciativa e solicitou à prefeitura de Oriximiná a criação da escola, já que o acesso ao educandário que havia na vila da empresa também era restrito:

Quando eu vim trabalhar aqui, nós éramos em torno de 36, se eu não estou enganada. A escola atendia 800 alunos. Foi naquele foco mesmo das empresas, tinha pessoas de todos os lugares do Brasil. Então, tinha a [escola] Vera Andrade. Lá na vila que era. Justamente uma homenagem a um dos filhos do dono da empresa, que era a Andrade Gutierrez. Então, essa escola lá, ela não atendia o pessoal que eles chamavam do beiradão. Então, lá na Vera Andrade, esses alunos que moravam aqui, nossa! Era feito uma triagem, não eram todos que tinham esse direito. Inclusive, eu lembro até hoje que tinha uma cancela que chamavam pau do guarda, porque lá o guarda estava e só entrava as pessoas que tivessem uma justificativa muito fundamentada pra chegar até lá (Sebastiana da Silva. 02.05.2013).

Além da desigualdade de acesso aos serviços criados pela empresa, muitos moradores alegam que sofreram discriminação por parte dos funcionários de fora. Eles os chamavam pejorativamente “caboclos”, “negros do beiradão” e “macacos”. A Andrade Gutierrez não lhes deixou saudades. Ao contrário, foram muitos os fatores de impacto

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	05	14	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

ambiental e desagregação social herdados dos anos de intervenção da empresa na comunidade. Danos como desmatamento e morte de inúmeros animais silvestres, por exemplo, jamais foram reparados, nem mesmo após a retirada da estrutura empresarial da localidade.

O mesmo se diz em relação às investidas da Eletronorte em Cachoeira Porteira, embora estas tenham, de alguma forma, ajudado a comunidade quilombola a se organizar melhor para lutar por seus direitos. Nos anos 1980, a Eletronorte iniciou obras e instalou operários na comunidade, e, por intermédio da contratada EngeRio, iniciou prospecções e sondagens na Cachoeira do Viramundo visando à construção da UHE Cachoeira Porteira. O projeto desencadeou a reação dos quilombolas de todas as comunidades do Rio Trombetas, que se organizaram na Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos de Oriximiná e lutaram contra o empreendimento. As pesquisas para a construção da barragem foram interrompidas, mas deixaram danos graves ao meio ambiente: além da supressão vegetal, buracos profundos foram abertos no meio da floresta e se tornaram grandes armadilhas, ocasionando a morte de muitos animais silvestres.

Além de lutarem contra os investimentos das empresas, nas décadas de 1970 e 1980, os remanescentes de quilombos de Cachoeira Porteira também tiveram que começar um longo embate com o Estado brasileiro. A partir de 1979, com a criação da Reserva Biológica do Trombetas por sobre áreas da comunidade, os moradores começaram a enfrentar dificuldades econômicas relacionadas às restrições de terras utilizáveis e de acesso/uso de recursos naturais que fazem parte da economia quilombola tradicional – a roça, a caça, a pesca e o extrativismo de produtos florestais, por exemplo. Como a Rebio é incompatível com a presença e a exploração humana, os moradores sentem-se encurralados com as severas restrições que lhes foram impostas pela criação desta UC, sem que o Estado considerasse a anterioridade de sua existência na localidade.

Fato semelhante se repetiu em 2006, com a criação das florestas estaduais de Faro e Trombetas, duas Unidades de Conservação determinadas pelo Estado do Pará, que, apesar de estarem na categoria de Uso Sustentável, impõem regras ambientais que se chocam com as práticas produtivas tradicionais dos quilombolas. Assim, os moradores de Cachoeira Porteira vêm experimentando mudanças significativas em seus modos de vida. Por exemplo, várias famílias hoje em dia dependem de alimentos comprados na cidade. Aliás, várias casas da comunidade têm um pequeno comércio onde se vendem frangos congelados, arroz, feijão, macarrão e outras mercadorias trazidas de Oriximiná e Óbidos.

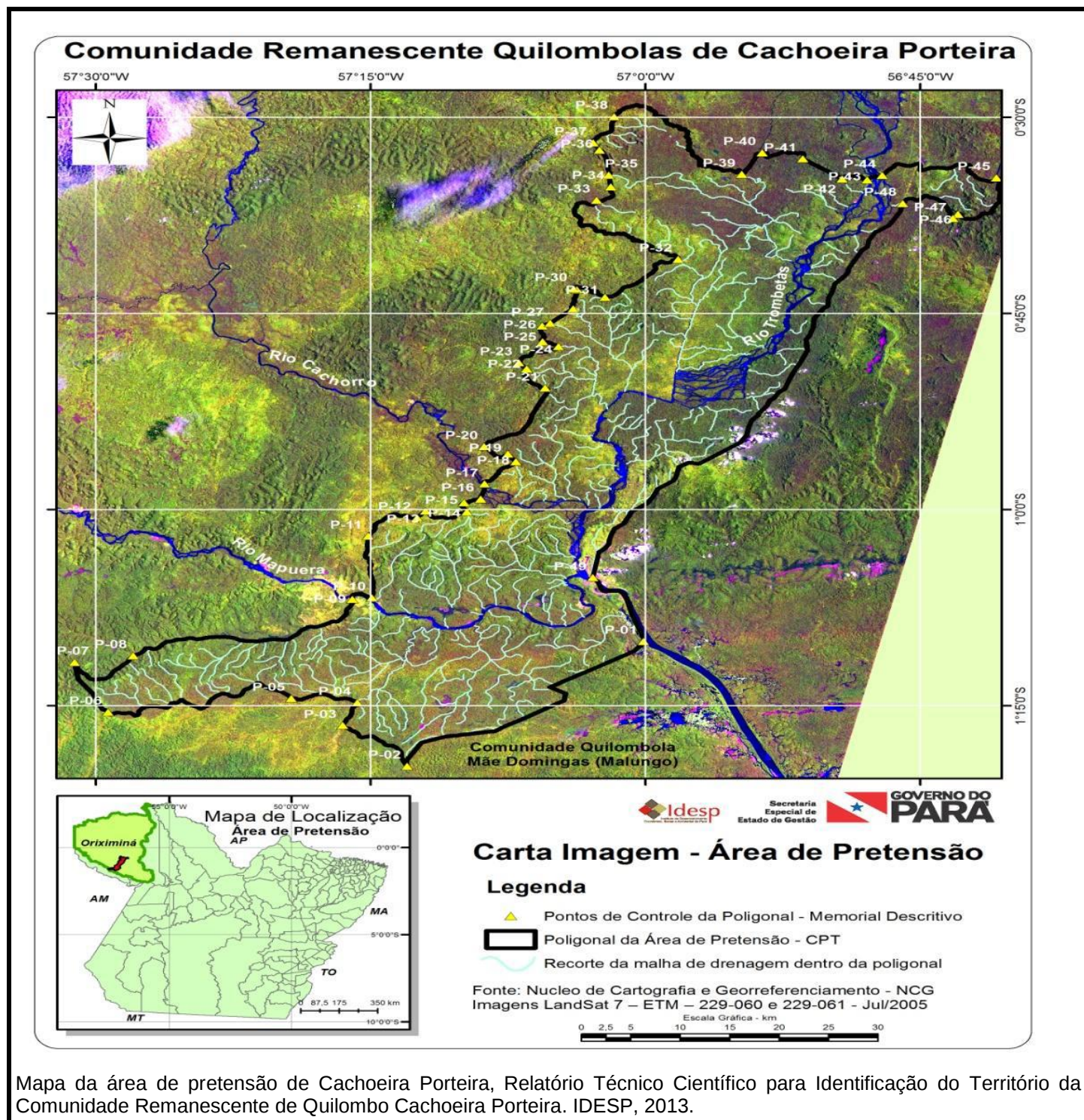
Diante dos problemas enfrentados, a comunidade fundou, em 2002, a Associação dos Moradores da Comunidade Remanescentes de Quilombos de Cachoeira Porteira (AMOCREC). Como diz seu atual presidente, “é uma coisa meio complexa a situação que a gente tá hoje vivendo, aí a AMOCREC foi criada com o objetivo de ter o reconhecimento da área”. A entidade luta acima de tudo pela regularização fundiária das terras da comunidade, solicitada ao Iterpa mediante processo aberto em 05 de maio de 2004, mas procura também afastar os interesses de empresas que continuam rondando o território, que, ainda de acordo com o presidente da associação, “está chamando muito a atenção de outros, como a empresa madeireira, as empresas mineradoras”.

5.2. CRONOLOGIA	
DATA	EVENTO
Século XIX	Formação dos mocambos do Alto Trombetas, durante a segunda metade do século, seguida do descenso dos mocambeiros do alto das cachoeiras para as zonas mais baixas dos rios já no final do século, sobretudo após a abolição da escravidão em 1888.
1975	Implantação da empresa Andrade Gutierrez na localidade de Cachoeira Porteira.
1979	Criação da Reserva Biológica do Rio Trombetas.
1986	Estabelecimento de um acampamento da Eletronorte em Cachoeira Porteira, com o objetivo de iniciar pesquisas para a construção de uma hidrelétrica na cachoeira do Viramundo.
1989	Saída da empresa Andrade Gutierrez de Cachoeira Porteira.
1989	Criação da Floresta Nacional Saracá-Taquera.
2002	Fundação da Associação dos Moradores da Comunidade Remanescentes de Quilombos de Cachoeira Porteira (Amocreq).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	05	14	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

2004	Abertura do processo nº 2004/125212 requerendo a titulação do território de Cachoeira Porteira pelo Iterpa.
2012	Iniciadas as conversações da Amocreq com a Sema, o Idesp e o Iterpa, com mediação da Coordenação Estadual das Associações das Comunidades Remanescentes de Quilombo do Pará (Malungu) para agilizar o processo de demarcação e titulação do território de Cachoeira Porteira.

6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE

PA

01

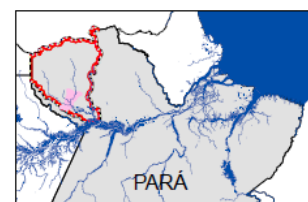
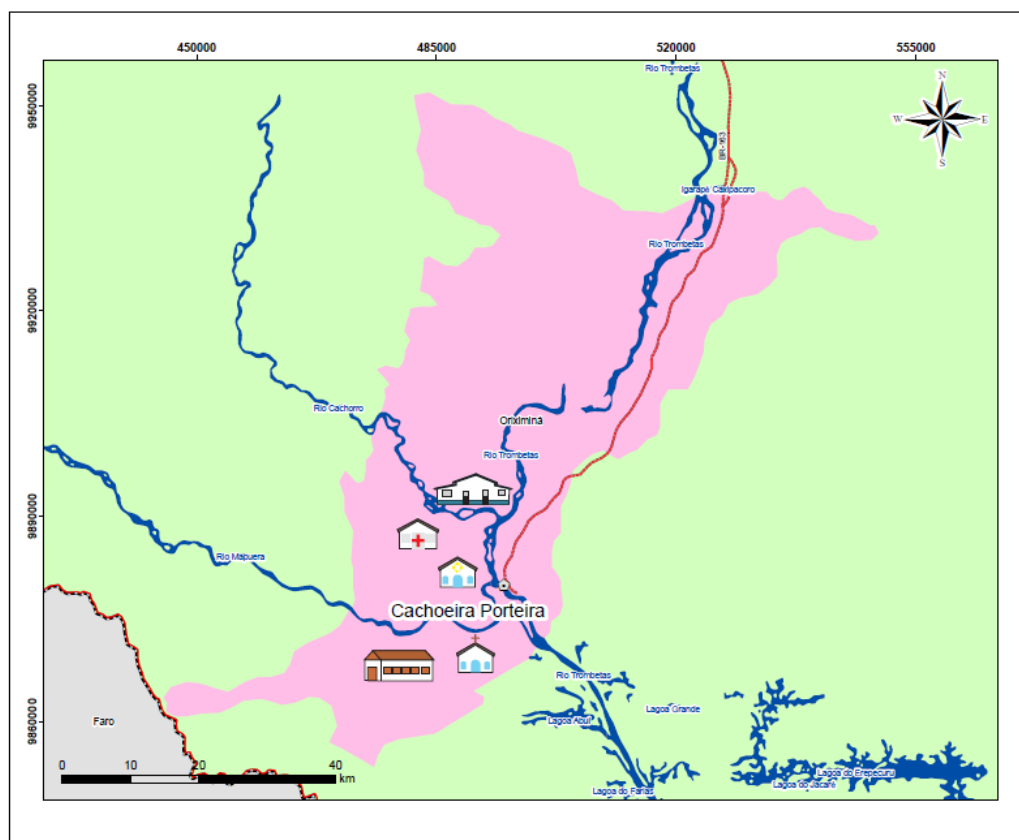
05

14

F11

01

Território Quilombola Cachoeira Porteira



Legenda

- Comunidade Cachoeira Porteira
- Rodovias
- Corpos D'Água
- Território Quilombola Cachoeira Porteira
- Limite Municipal
- Igreja Católica
- Igreja Evangélica
- Posto de Saúde
- Escola
- Barracão Comunitário

Escala Numérica:
1:350.000

Dados:
Projeção UTM - Fuso 21 S - Datum SAD69
Imagem TM Landsat7 - 2009
*Composição: Banda 5 (R) - Banda 4 (G) - Banda 3 (B)

Realização:
CUMBUCA Produção Artística
e Cultural LTDA.
Data: 31/03/14



Mapa do território quilombola Cachoeira Porteira, INRC Quilombos de Oriximiná. João Thiago-CumBUca, Oriximiná-PA, 2014.

7. LEGISLAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL E DE PLANEJAMENTO

Neste item serão apresentados apenas os instrumentos que incidem destacadamente na localidade em questão. Na Ficha de Identificação de Sítio são mencionados todos os instrumentos que incidem em comunidades quilombolas de um modo mais geral, em âmbito regional e federal.

1. Constituição da República Federativa do Brasil 1988, em especial o Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, que dispõe sobre o direito de propriedade das comunidades remanescentes quilombolas sobre as terras que ocupam tradicionalmente;
2. Decreto estadual nº 2.607 de 04 de dezembro de 2006 que cria a Floresta Estadual do Trombetas, que abrange os municípios de Oriximiná e Óbidos;
3. Decreto estadual nº 2.605 de 04 de dezembro de 2006 que cria a Floresta Estadual de Faro que abrange os municípios de Faro e Oriximiná;
4. Decreto nº 84.018 de 21 de setembro de 1979 que cria a Reserva Biológica do rio Trombetas e dá outras providências;
5. Decreto 98.704 de 27 de dezembro de 1989 que Cria a Floresta Nacional de Saracá – Taquera;
6. Decreto nº 4887, de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias;

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	05	14	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

7. Decreto nº 261 de 22 de novembro de 2011 que institui a política estadual para as comunidades remanescentes de quilombos no Estado do Pará e dá outras providências;
8. Instrução Normativa nº 57, de 20 de outubro de 2009/Incra que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação, desintrusão, titulação e registro das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que tratam o Art. 68 do ADCT-CF/88 e o Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003.
9. Lei estadual nº 6.165 de 02 de dezembro de 1998 que dispõe sobre a legitimação de terras dos remanescentes das comunidades dos quilombos e dá outras providências;
10. Lei n. 9.985/2000 que estabelece o Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC;
11. Decreto nº 261, de 22 de novembro de 2011 que institui a Política Estadual para as Comunidades Remanescentes de Quilombos no Estado do Pará e dá outras providências;

8. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

8.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

O principal desafio enfrentado pela comunidade de Cachoeira Porteira, no que diz respeito às condições de preservação de suas referências culturais e de seus modos de vida tradicionais, relaciona-se à questão da propriedade das terras ocupadas, incluindo áreas de moradia e uso. O território está em processo de regularização fundiária pelo Iterpa e para tanto aguarda que o Estado do Pará proceda à desafetação da Floresta Estadual do Trombetas, que se sobrepõe a áreas reivindicadas pela comunidade. Para a titulação definitiva, também devem ser dirimidos todos os possíveis conflitos com os grupos indígenas que habitam acima do território.

Outras questões que preocupam a comunidade são relacionadas aos projetos desenvolvimentistas desenhados para a localidade desde a década de 1970, que, embora tenham sido iniciados e suspensos no passado, podem a qualquer momento ser reativados.

Há ainda, os problemas provocados pelas restrições impostas pela pelas Unidades de Conservação que incidem na localidade. A maioria das queixas, nesse aspecto, refere-se às privações por que passam os moradores, que estão impedidos de roçar, pescar, caçar e extrair recursos naturais das áreas protegidas. Afastados dos meios de produção do próprio sustento, em alguns casos, tornam-se dependentes de ações compensatórias e assistencialistas, ao mesmo tempo em que se tornam mais vulneráveis à ação de atores externos que prometem desenvolver projetos na região. Nesse contexto, assistem à transformação cada vez mais acelerada dos seus modos de vida tradicionais.

8.2. RECOMENDAÇÕES

Dentre as referências culturais da comunidade, destaca-se o potencial das atividades artesanais tradicionais que ali são exercidas. O território possui um expressivo número de artesãos que trabalham com talas, palhas e cipós, os quais poderiam ser envolvidos em ações de pesquisa, documentação, salvaguarda e geração de renda.

Merecem especial atenção, também, as edificações que foram deixadas pela Andrade Gutierrez na localidade, na medida em que constituem marcas de um período crítico, porém importante, da história econômica da Amazônia. Marcos físicos do projeto de implantação de uma *company town* numa área tradicionalmente ocupada por populações indígenas e remanescentes de quilombos, tais edificações singularizam Cachoeira Porteira no conjunto de comunidades quilombolas de Oriximiná.

9. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	05	14	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	1 - Festa “cultural” 7 - Festa de Nossa Senhora de Fátima 28 - Festas da Consciência Negra 29 - Festas Juninas 34 - Casa de farinha 37 - Igreja de Nossa Senhora de Fátima 45 - Paiol de castanha 46 – Carimbó 53 – Desfeiteira 55 - Gíria dos índios 57 - Histórias de encantarias 58 - Histórias do tempo do pega-pega 59 – Ladainhas 60 – Lundu 62 – Mazurca 63 - Músicas de pau e corda (usa-se também a expressão “festa de pau e corda”) 65 – Quadrilha 66 – Valsa 92 - Quilombo Campiche 93 - Quilombo Maravilha 97 - Sítios arqueológicos 98 – Varadouro 99 - Vila da Andrade Gutierrez 100 - Artesanato de barro 105 - Artesanato de talas, palhas e cipós 106 - Culinária tradicional 108 - Medicina tradicional 111 - Modo de fazer beiju-cica 114 - Modo de fazer farinha de mandioca 116 – Modo de fazer óleo de castanha 118 - Modo de fazer tapioca 120 - Ofício de agricultor 121 - Ofício de benzedor/benzedeira e puxador/puxadeira 122 - Ofício de caçador 123 - Ofício de castanheiro 124 - Ofício de coletor de açaí 125 - Ofício de copaibeiro 127 - Ofício de gateiro 128 - Ofício de parteira 129 - Ofício de pescador 130 – Puxirum 131 - Técnicas de construção tradicionais
--	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	05	14	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

ANEXO 4: CONTATOS	10 - Antônio Edmar Vieira 52 - Ivanildo Carmo de Souza 53 - Ivone Pereira de Jesus 84 – Maria das Graças Do Carmo Xavier 104- Nelcilene da Silva Adão 106 - Nilcelena Cunha da Glória 107 - Ormezinda dos Santos Sousa 116 - Raimundo Vieira da Costa 120 – Sebastiana da Silva Ribeiro 125 - Waldemar dos Santos 126 - William de Jesus Ribeiro Figueira
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	

10. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Ádria Fabíola Pinheiro de Sousa, Luciana Gonçalves de Carvalho		
SUPERVISOR	Ricardo Nei de Araújo		
REDATOR	Ádria Fabíola Pinheiro de Sousa	DATA 28/03/2014	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Luciana Gonçalves de Carvalho		